

cadernos
IHU
ideias

A colaboração
de Jesuítas, Leigos e Leigas nas
Universidades
confiadas à Companhia de Jesus

o diálogo entre humanismo evangélico
e humanismo tecnocientífico

Adolfo Nicolás

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



Os *Cadernos IHU ideias* apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.

cadernos **IHU** ideias

**A colaboração de Jesuítas,
Leigos e Leigas nas
Universidades confiadas
à Companhia de Jesus:
o diálogo entre humanismo evangélico
e humanismo tecnocientífico**

Adolfo Nicolás

ano 11 • nº 196 • 2013 • ISSN 1679-0316

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Aloisio Schneider

Cadernos IHU ideias

Ano 11 – Nº 196 – 2013

ISSN: 1679-0316

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja – Unisinos

Prof. Dr. César Sanson – UFRN

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Dra. Susana Rocca – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dr. Adriano Naves de Brito – Unisinos – Doutor em Filosofia

Profa. Dra. Angélica Massuquetti – Unisinos – Doutora em Desenvolvimento,
Agricultura e Sociedade

Prof. Dr. Antônio Flávio Pierucci (t) – USP – Livre-docente em Sociologia

Profa. Dra. Berenice Corsetti – Unisinos – Doutora em Educação

Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS – Doutor em Economia

Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel – UERGS – Doutora em Medicina

Profa. Dra. Suzana Kilpp – Unisinos – Doutora em Comunicação

Responsável técnico

Caio Fernando Flores Coelho

Revisão

Carla Bigliardi

Editoração

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467

www.ihu.unisinos.br

Siglas e Abreviaturas:

CG 34 – 34ª Congregação Geral da Companhia de Jesus

CfL – Encíclica Christifideles Laici

Const. – Constituições da Companhia de Jesus

EE – Exercícios Espirituais

Ef – Carta de Paulo aos Efésios

Lc – Evangelho de Lucas

Ls – Livro dos Salmos

A COLABORAÇÃO DE JESUÍTAS,
LEIGOS E LEIGAS NAS UNIVERSIDADES
CONFIADAS À COMPANHIA DE JESUS:
O DIÁLOGO ENTRE HUMANISMO EVANGÉLICO
E HUMANISMO TECNOCIENTÍFICO¹

Rev. P. Adolfo Nicolás S.J.

1

Agradeço a oportunidade de me encontrar com vocês, jesuítas, leigos e leigas, que colaboram na Missão da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, servindo, dessa maneira, à Missão universal da Companhia de Jesus. Por feliz coincidência, minha presença na comunidade universitária Unisinos se dá no ano do sexagésimo aniversário da autorização para funcionamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei (1953). Isto foi fruto, na época, de importante decisão da Companhia de Jesus no sul do Brasil, agindo através da então Sociedade Literária Antônio Vieira, hoje Associação Antônio Vieira – ASAV. Naquela época, a Companhia de Jesus já tinha acumulado um longo período de atuação na cidade de São Leopoldo, sobretudo através do Colégio Nossa Senhora da Conceição (criado em 1869) e, também, do Seminário Central e Faculdade de Ensino Superior para a formação dos jovens religiosos jesuítas e seminaristas do clero diocesano. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei, desde 1953, viveu um rico processo de desenvolvimento e ampliação de frentes na sua Missão inicial, vindo a se tornar, em 1969, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos.

Venho até vocês como companheiro na Missão! Neste companheirismo criativo, servimos juntos, aprendemos uns dos outros, respondemos às preocupações e iniciativas mútuas e dialogamos sobre os novos contextos que enfrentamos como cidadãos e cidadãs da sociedade que está surgindo do mundo novo de comunicação imediata e de tecnologia digital, de mercados mundiais e de aspiração universal à paz e ao bem-estar. Os tempos de hoje são muito diferentes dos tempos vividos 60 ou 100 anos atrás, tanto na sociedade mundial, como na Compa-

1 Este texto é proveniente da fala de P. Adolfo Nicolás, S.J., Superior Geral da Companhia de Jesus, proferida aos colaboradores da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, por ocasião de sua visita, em 17 de agosto de 2013.

nhia de Jesus em São Leopoldo e no sul do Brasil. Além do que já sinalizei sobre os novos contextos, quero destacar que o número de jesuítas em nossas instituições é relativamente menor e que aumentou muito a participação dos leigos e leigas em nossas obras. Quero celebrar esta importante novidade, verdadeiro sinal dos tempos. Peço a Deus que abençoe abundantemente a Companhia de Jesus com esta graça de nosso tempo, que é ao mesmo tempo nossa esperança para o futuro, que os leigos e as leigas “tomem parte viva, consciente e responsável na Missão da Igreja nesta hora magnífica e dramática da história” (CL 3). O futuro da Missão universal da Companhia de Jesus aponta para ocasiões de colaboração de jesuítas, leigos e leigas que irão muito além de nossa experiência atual.

Compartilho com vocês a firme convicção de meus irmãos jesuítas de que a experiência da colaboração, hoje em dia, molda nossa identidade como homens para os outros, que também são homens com os outros. Mais ainda! A colaboração na Missão implica que todos os jesuítas, enquanto homens em Missão, devem ser também homens de colaboração. O modo de proceder que caracteriza os companheiros jesuítas, leigos e leigas servidores da Missão, que hoje se expressa no vínculo inseparável do serviço da fé com a promoção da justiça do Reino, tem na colaboração papel vital.

A colaboração pede, de todos, formação para aprofundar o conhecimento da Missão que compartilhamos. O processo formativo na e para a Missão, tanto para os jesuítas como para os leigos e leigas, passa pela recíproca compreensão e pelo recíproco apreço de distintas vocações. Esta foi, precisamente, uma das quatro condições que emergiram das reflexões dos leigos e leigas, no Encontro em Loyola, para que a colaboração funcione bem. Da parte dos jesuítas, colocamos à disposição o que somos e recebemos: nossa herança espiritual e apostólica, nossos recursos educacionais e nossa amizade. Oferecemos a espiritualidade inaciana como dom específico da nossa Missão no respeito à espiritualidade própria de cada um e adaptada às necessidades presentes. Oferecemos a sabedoria prática que aprendemos de quatro séculos de experiência no serviço à nossa Missão. Cabe-me perguntar: o que nossos amigos e amigas na Missão julgam importante que nós, jesuítas, aprendamos das várias experiências que traduzem a vocação laical e respectiva espiritualidade no mundo de hoje? Aos meus irmãos jesuítas, pergunto: estamos realmente dispostos a nos deixar complementar em nossa experiência de Deus em Jesus Cristo por aqueles com os quais colaboramos na Missão?

Relembro aos jesuítas e compartilho com leigos e leigas a experiência em que se enraíza o sentido de nossa comum colaboração. Trata-se da escuta de um convite feito por Jesus Nazareno, profeta messiânico do Reino: “quem quiser vir comigo, deve trabalhar comigo” (EE 95)! O engajamento de nossa liberdade no seguimento da Missão de Jesus Cristo, na experiência fundadora de Inácio e hoje em nosso itinerário pessoal e institucional, traduz-se no pedido que fazemos de sermos por Ele escolhidos e recebidos (EE 98). A graça que pedimos nos seja concedida é a de nos unirmos às pessoas de boa vontade no serviço à família humana e na instauração do Reino de Deus. Na Igreja, a linguagem da Missão está passando, ainda em sua fase germinal, por uma evolução teológica. Estamos passando do uso de “nossa” Missão para o uso de “a Missão de Cristo da qual somos servos” e, hoje em dia, começamos a usar a “Missão de Deus”.

Reafirmo o serviço à família humana e à instauração do Reino de Deus no contexto da Missão evangelizadora universal da Igreja, entendidos assim pelas últimas Congregações Gerais da Companhia de Jesus: o fim da nossa Missão (o serviço da fé) e o seu princípio integrador (a fé dirigida à justiça do Reino) estão dinamicamente relacionados com a proclamação inculturada do Evangelho e o diálogo com outras tradições religiosas como dimensões integrais da evangelização (CG 34 dec. 2 nº 15). Compartilho com vocês o que minha experiência no Japão me ensinou e a pergunta frequente que me faço em minhas viagens: temos muito que aprender! Nossa integração com o corpo, a harmonia e a paz interior são temas que tocam profundamente nossa humanidade. Penso muitas vezes na paz testemunhada pelas populações atingidas pelo Tsunami no Japão.

O mundo global é o contexto deste convite de ir e trabalhar com Jesus Cristo. Estruturas culturais, sociais e políticas inter-relacionadas sustentam e afetam o núcleo da nossa Missão de fé e justiça e de diálogo com as várias tradições religiosas e com a cultura. Em muitas regiões do mundo globalizado, o modo de pensar e de viver de nossos contemporâneos é modelado por uma modernidade que se afirma como modernidade pós-cristã. Tensões e paradoxos marcam o contexto global em que servimos a família humana e a instauração do Reino:

1) inclinação para a autonomia e o tempo presente *versus* necessidade de construir um futuro em solidariedade;

2) expansão digital dos meios de comunicação *versus* experiência de isolamento e de exclusão;

3) benefícios materiais e culturais altamente sofisticados para uns poucos *versus* marginalização e exclusão de muitos de oportunidades de trabalho formal;

4) expansão do conhecimento científico até os mistérios profundos da vida *versus* crescente ameaça da dignidade da vida e do mundo em que vivemos.

Permitam-me nomear algumas tensões e paradoxos que vejo na sociedade brasileira contemporânea:

1) redemocratização da sociedade política brasileira *versus* apropriação e corrupção do aparato estatal por grupos e interesses não identificados com o bem comum da nação;

2) consolidação de importantes instituições públicas, tais como Ministério Público, Banco Central, CNPq, CAPES, *versus* ausência e omissão do aparato judicial em regiões com conflitos de terra;

3) políticas públicas de forte inclusão social nas áreas de saúde (SUS), assistência social (SUAS), educação (PROUNI) e das relações étnico-raciais *versus* inadequação generalizada da infraestrutura às políticas públicas, muito especialmente nos transportes públicos, e alienação dos povos indígenas e da população afrodescendente de efetivas oportunidades de uma vida mais digna;

4) a nação majoritariamente religiosa *versus* o laicismo de elites mais sintonizadas com a modernidade pós-cristã de matriz europeia.

Na espiritualidade inaciana e na sabedoria prática acumulada pela Companhia de Jesus, estas tensões e paradoxos que marcam o contexto global e brasileiro da Missão universal da Companhia de Jesus passam por um processo de iluminação e purificação espirituais que vai testando e oferecendo critérios de ação para nossa inteligência, vontade e afetividade. O discernimento que acompanha nossa jornada nos ajuda a conhecer e vencer as redes e cadeias de nossa arrogância intelectual (EE 142), a mover nossa liberdade ao serviço à família humana e à instauração do Reino (EE 155) e a pedir para sermos escolhidos para uma vida de despojamento e coerência com o projeto do Reino (EE 168).

Este discernimento, que toca o mais profundo da nossa existência pessoal e apostólica, é, provavelmente, o serviço específico da Companhia de Jesus à família humana e à Igreja, da qual esta é parte. É também o serviço específico dos colaboradores jesuítas à comunidade universitária da Unisinos, iluminando seu planejamento estratégico com a luz do discernimento estratégico. Finalmente, é o serviço que a Unisinos, como universidade jesuíta, presta à Nação e à Sociedade brasileira, atravessada pelas tensões e paradoxos que aludi anteriormente.

A Antropologia subjacente à espiritualidade inaciana e sua correspondente visão do mundo e da história é refratária a qualquer forma de dualismo extrínseco da relação do ser humano com Deus, com seus semelhantes e com o mundo. Haja vista a

integração e complementaridade entre a inteligência, a vontade e a afetividade que ocorre nas grandes meditações e contemplações evangélicas ao longo da experiência dos Exercícios Espirituais segundo Inácio de Loyola.

Ainda que o documento fundacional da Companhia de Jesus, conhecido como *Formula Instituti*, não a elenque entre os ministérios da então nascente ordem religiosa, a Educação logo passou a fazer parte da visão inaciana. Isto porque a espiritualidade de Inácio de Loyola é um verdadeiro caminho para a mudança e a transformação do coração e das estruturas do nosso viver-em-comum. Hoje, como ontem, nós, colaboradores jesuítas, leigos e leigas, continuamos acreditando que a Educação é o melhor terreno e processo para mudanças. Em outras palavras, a Missão da Companhia de Jesus que se efetiva nas Universidades por ela mantidas pede homens e mulheres interior e evangelicamente livres (EE 189).

As oportunidades de colaboração de jesuítas, leigos e leigas, para irem muito além de nossa experiência atual, nos pedem que colaborem no estabelecimento de relações justas com Deus, uns com os outros e com a Criação. Assim, proponho aos colaboradores jesuítas e leigos este convite: no cumprimento da Missão de nossas Universidades jesuítas, engajemos nossa liberdade na instauração de relações justas com Deus, uns com os outros e com a Criação.

As Contemplações Evangélicas, no itinerário espiritual de Inácio de Loyola e dos colaboradores jesuítas ao longo dos quase cinco séculos de experiência vivida dos Exercícios Espirituais, nos põem em fina sintonia com as atitudes de Jesus de Nazaré perante o sofrimento humano e o mistério do mal. Ele os vence confiando-se totalmente ao amor de seu Pai, passando da morte à vida definitiva que na fé chamamos ressurreição. Na resposta ao convite de colaborar com Jesus Nazareno, pedimos a graça de compartilhar ora as dores e tristezas (EE 193), ora as alegrias e gozos (220) da família humana, na qual contemplamos hoje a face do jovem profeta de Nazaré. Para os jesuítas, as atitudes de Jesus de Nazaré são verdadeiro chamamento a viverem próximos e, inclusive, no meio dos pobres. Por este mesmo motivo, o Papa Francisco está convidando os Pastores da Igreja a terem cheiro de ovelhas. Na noite de hoje, ressignifico este convite do Papa às comunidades acadêmicas confiadas à Companhia de Jesus no ambiente multicultural que as caracteriza: tenham cheiro de povo, tenham cheiro de biblioteca, tenham cheiro de futuro!

No contexto das tensões e dos paradoxos inerentes ao processo histórico de construção da democracia social, política, econômica, cultural e ambientalmente sustentável, tendo como horizonte o bem comum da nação brasileira, o Ressuscitado exerce um papel de consolador (EE 224), consolando-nos como

um amigo consola outro amigo. Peregrinando pelos caminhos do século XXI com o coração abrasado pelo Peregrino da vida nova da Ressurreição (Lc 24, 32), podemos consolar melhor e com mais credibilidade se, por gratidão, vivemos no meio do povo, estando com simplicidade no meio das pessoas, participando de suas vidas.

Nesse sentido, nós, colaboradores jesuítas, leigos e leigas, somos amigos na Missão: consolados por Aquele que é nossa alegria! A consolação é importante critério de verificação da nossa Missão. Ela é expressão do aumento da fé, da esperança e do amor e de toda alegria, em resumo, do *Shalom* divino em meio às fadigas e eventuais decepções na experiência de nossa recíproca colaboração.

A Missão da Companhia de Jesus, este é o legado espiritual e prático de Inácio de Loyola, se arraiga e se funda no amor (Ef 3,17). Legado retomado e reafirmado pelo P. Pedro Arrupe, quando insistia, no final de seu período como Superior Geral da Companhia de Jesus, “Hoje me proponho aprofundar ‘o centro’ dessa suprema experiência inaciana: a realidade de que ‘Deus é caridade’. Porque, a meu ver, é a última síntese de tudo o que Inácio aprendeu na privilegiada intimidade trinitária a que fora convidado: ‘A unidade divina entre o Pai e o Filho, como comunidade de amor, culmina na relação de ambos com o único Espírito’. Esta é, por conseguinte, a última raiz, o fundamento mais profundo do carisma inaciano, a alma da Companhia” (Pedro Arrupe, *Arraigados e firmados na caridade*, nº 1).

Compartilho com meus amigos e amigas na Missão, jesuítas, leigos e leigas, duas observações sóbrias do místico Inácio de Loyola, feitas ao cabo do itinerário espiritual que ele nos propõe nos Exercícios Espirituais. Uma é que o amor deve pôr-se mais em obras que em palavras (EE 230). A outra é que o amor consiste na comunicação mútua, isto é, aquele que ama dê e comunique ao amado o que tem e pode, e, igualmente, por sua vez, o amado ao que ama (EE 231). Nestas últimas décadas, nós, jesuítas, voltamos às origens da nossa Missão e a projetamos para o futuro sob a consigna inaciana de em tudo amar e servir (EE 233).

A espiritualidade que nós, jesuítas, nos propomos a compartilhar com nossos amigos e amigas na Missão é uma mística da ação! Nosso amor se expressa no serviço. Ou, como dizia Jerônimo de Nadal, um dos primeiros companheiros da nascente Companhia de Jesus, somos contemplativos na ação. Ao dar um corpo para este espírito, Inácio de Loyola cunhou uma expressão muito feliz: “buscar em todas as coisas a Deus nosso Senhor” (Const. III, 1, 26).

Nossa reconciliação com Deus passa pela aceitação do vazío. Toda vez que nos encontramos perante Ele, experimentamos que não há imagens adequadas à revelação do seu mistério.

Passa pela aceitação do silêncio, evitando assim uma saturação semântica, para que nossa palavra sobre o mistério seja tolerável. Desde meus anos vividos no Japão, venho pensando na diferença entre o silêncio budista e o silêncio cristão. Não estou me referindo ao silêncio dos mosteiros. O budista pensa que Deus é Mistério tão grande e profundo que não nos é possível exprimi-lo... e permanece calado. O teólogo cristão pensa o mesmo..., porém escreve livros enormes como se soubesse tudo a respeito de Deus. Eu penso que a única linguagem teológica aceitável é a linguagem humilde daquele que não sabe: *Si intelliges, non est Deus*. Ainda a este propósito, lembro-me do seguinte ditado popular japonês: “Se estás três dias no Japão, podes escrever um livro; se estás três meses, só podes escrever um artigo; se estás três anos, já não podes escrever nada”.

Nos múltiplos areópagos da Modernidade pós-cristã, nós afirmamos que Deus é pura gratuidade que nos comunica seu Ser de gratuidade. Gratuidade diz liberdade, ausência de cálculo. N'Ele não há traço de cálculo. Ele nos oferece participar de sua vida sem cálculo. A motivação última de “buscar em todas as coisas a Deus nosso Senhor” é a de tornar possível à família humana o acesso ao reconhecimento livre da gratuidade absoluta do amor. Nossa reconciliação com Deus alimenta-se do discernimento das estruturas de cálculo subjacentes à cultura pós-moderna. A generosidade e a compaixão da juventude que, recentemente, nos meses de junho e julho, percorria as ruas das cidades brasileiras, nos questionam se conseguimos ou não reconhecer a fragilidade e a fragmentação de suas expectativas de uma vida mais feliz. Ainda hoje, sinto-me profundamente tocado pelo testemunho que 50 jovens me deram em Tóquio sobre os dois anos de inserção em países do Terceiro Mundo. Eles me confessaram que a vida, a esperança, a alegria das pessoas que encontraram, vivendo muitas vezes em situações caóticas, os transformaram profundamente. E pensei comigo mesmo: “com estes jovens, o mundo tem futuro”.

Nossa reconciliação de uns com os outros se nutre do mesmo dinamismo da gratuidade, que pode ser a palavra menos inadequada para exprimir tanto o mistério de Deus quanto o mistério do ser humano. Há alguns anos, um amigo japonês chamado Miyawaki escreveu-me uma carta na qual expressava sua decepção em ouvir sacerdotes que nada conhecem da pessoa humana ousarem falar de Deus. E acrescentava: como podem falar do caminho para o céu aqueles que não conseguem encontrar o lugar de onde devem falar?

Na reconciliação de uns com os outros, o silêncio não é mutismo. O mutismo é uma ausência de palavra que nasce do fechamento do espírito sobre si mesmo. Antes, o silêncio nutre a palavra! Do silêncio se vai à palavra e da palavra se retorna ao

silêncio. Quando a linguagem sobre Deus e sobre o ser humano não é percebida como nascida do silêncio, ninguém a escuta nesta nossa cultura pós-moderna.

Nossas Universidades são chamadas a entender a relação mútua entre silêncio e linguagem tanto daquelas forças sociais, econômicas e políticas que facilitam o estabelecimento de relações justas entre as pessoas, como daquelas forças que rompem os laços de amor e solidariedade dentro da família humana. Por um lado, silêncio e palavra significando comunhão, por outro, silêncio e palavra significando alienação e estranhamento das pessoas entre si. As tensões e os paradoxos vividos recentemente no Brasil deram, nas ruas, a palavra ao silêncio dos excluídos dos benefícios da globalização tecnocientífica contemporânea. Como se disse no México, a “globalização da superficialidade” é o real perigo que ronda a cultura contemporânea. Neste sentido, lateja na sociedade civil brasileira uma sadia indignação ante a realidade dos milhões de brasileiros que padecem de fome.

Nossa reconciliação com a Criação é apelo e convocação a assumirmos a responsabilidade da nossa casa, a Terra. A qualidade de nossa reconciliação com Deus, com os outros e com a própria Criação é afetada pelo cuidado do meio ambiente. Este cuidado, pensamos vê-lo prefigurado quando, nos Exercícios Espirituais, Inácio fala da bondade da Criação e descreve a presença ativa de Deus na Criação.

O futuro de nossa casa, a Terra, suas águas, suas florestas, seu ar, seus pobres, seus povos indígenas estão ameaçados pelo acúmulo de lixo, pela sujeira lançada na água e no ar, pelo desmatamento massivo, pelos depósitos de resíduos atômicos e tóxicos. Encorajo nossas Universidades a promover estudos e práticas centradas nas causas da pobreza e na melhoria do meio ambiente. A 35ª Congregação Geral da Companhia de Jesus (d. 3, nº 35) conclamou, neste sentido, todas as nossas Instituições de ensino superior e órgãos de pesquisa para que os seus estudos e investigações científicas produzissem “efetivos resultados práticos em benefício da sociedade e do meio ambiente”. Sinalizou-se claramente para a importância do enriquecimento mútuo daqueles que estão nas linhas de frente (na ação prática) e daqueles que estão nos gabinetes de pesquisa (na elaboração teórica). A encontrar caminhos para que suas pesquisas acadêmicas, em sinergia com as instituições ligadas a ações de *advocacy*, beneficiem os pobres, os refugiados, os que defendem as causas ambientais. Pergunto-me: o que mais nós, que colaboramos juntos na Missão, queremos e desejamos fazer no sentido de irmos muito além de nossa experiência atual? Uma primeira resposta é o aprendizado paciente que temos pela frente, para que nossas decisões mais importantes não se reduzam somente às dimensões política ou econômica, como se ti-

véssemos que cuidar da Criação porque os Estados Unidos da América necessitam de um pulmão verde nas florestas brasileiras. Precisamos aprender a tomar decisões complexas e sistêmicas das quais as dimensões social, ambiental, e outras ainda em fase de germinação cultural, façam plenamente parte. A Criação faz parte de nós mesmos. É preciosa e digna de respeito e cuidado, e não de exploração egoísta. Nós, colaboradores jesuítas e leigos, precisamos aprender com nossas colaboradoras leigas, o cuidado e a inteligência da pessoa em sua totalidade com que elas tratam a relação com Deus, com os outros e as outras, com as várias formas de vida na Terra.

3

A Companhia de Jesus reconhece a importância crucial da Universidade na sociedade do conhecimento e da informação, como hoje se diz. No contexto da cultura contemporânea, é uma das formas de organização da formação superior. Na Universidade brasileira, a formação superior está assegurada pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. As principais dimensões do saber contemporâneo, em tese, se acham representadas e associadas na Universidade em uma unidade orgânica e sistemática que se traduz pelas ideias de multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e, hoje em dia, transdisciplinaridade, demonstrando também a valorização e a abertura aos saberes de fora das disciplinas acadêmicas.

Sei dos esforços que a Unisinos vem fazendo na implementação progressiva da transversalidade do conhecimento e no importante papel que a extensão está passando a exercer na construção transdisciplinar do conhecimento, tendo como referência o conceito de Responsabilidade Social Universitária (RSU) da rede AUSJAL², o qual, além de garantir uma consistente interlocução da Universidade com seu contexto, dá conta do compromisso pela sustentabilidade socioambiental, no qual a Unisinos, sempre mais, vem se engajando. No Brasil, graças às políticas públicas implementadas nos últimos decênios, e na Unisinos, por fidelidade à Missão da Companhia de Jesus expressa na sua Missão como formação integral da pessoa humana e consubstanciada na Responsabilidade Social Universitária, a formação superior serve como um dos mais importantes meios para a inclusão dos pobres nos bens culturais e na melhoria de sua vida profissional.

Recentemente, o Papa Francisco encontrou-se com o Reitor da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, e pouco depois eu mesmo tive a oportunidade de conversar com ele. Ele insistiu conosco que o Apostolado Intelectual é importantíssimo

2 Associação de Universidades confiadas à Companhia de Jesus na América Latina.

para a Igreja. Tudo o que a Igreja aprende da periferia, e é muito, necessita da reflexão dos seus Pensadores para produzir frutos mais profundos e duradouros. Neste sentido, as Universidades confiadas à Companhia de Jesus têm uma responsabilidade para com a sociedade, tão bem expressa na RSU da rede AUSJAL, mas também têm uma responsabilidade teológica para com a Igreja, para ajudá-la a encontrar soluções profundas e viáveis aos problemas humanos de sempre, bem como para discernir, dentre as várias leituras teológicas do legado do Concílio Vaticano II, quais respondem mais aos apelos do Evangelho neste tempo de mudanças tão radicais para a humanidade.

O ensino, a pesquisa e a extensão, enquanto três dimensões do saber universitário, são acompanhados, pelo menos em princípio, de uma consciência crítica que busca relacionar os procedimentos conceituais e metodológicos particulares aos fundamentos de cada área do saber. São o resultado de um longo processo histórico, que começou com a emergência da linguagem humana. Concentrou-se progressivamente com a descoberta das forças sistemáticas da discursividade e de seu esforço esclarecedor. E, finalmente, tomou reflexivamente consciência de sua própria natureza a partir das objetividades que conseguiu constituir.

No contexto cultural da assim chamada pós-modernidade, as Universidades confiadas à Companhia de Jesus são chamadas a testemunhar e a fortalecer o caráter específico do “substantivo” Universidade, bem como do “adjetivo” jesuíta. A tarefa que define hoje o “substantivo” Universidade é constituída pelo conjunto dos procedimentos concretos inerentes ao próprio devir da razão. A contribuição à constituição de um saber racional ou, mais exatamente, das diferentes formas de saber que se inspiram na ideia de racionalidade é a forma de participação de uma comunidade universitária a esta tarefa. Razão, neste caso, designa o domínio das objetividades ideais e práticas nas quais a dinâmica esclarecedora da discursividade se projeta e a partir das quais ela mesma se reconhece. A razão objetivada é produto de um processo histórico. Ela tem um lado teórico e um lado prático. No primeiro caso, é um universo de formas em cujo âmbito se constrói uma interpretação eficaz do mundo. No segundo caso, é uma criação institucional, em cujo âmbito se tenta constituir uma comunidade humana. Hoje em dia, constata-se uma distinção embrionária de duas formas da razão prática. Uma é a esfera das instituições, consideradas como mediadoras da tarefa ética da ação, a outra é o universo dos objetos técnicos, os quais se afirmam cada vez mais em sua autonomia e, assim, separam-se da ação que os engendrou, universo indiferente a toda qualificação ética. Ora, o uso que pode ser feito do objeto técnico depende da ação enquanto tal, e não da própria técnica.

A razão se diversifica à medida que se assegura melhor de si mesma. Mas continua sendo altamente pertinente o conceito de razão como índice de um processo integrador de alcance universal que se desdobra por meio da diversidade de suas figuras. Esse processo integrador de alcance universal é histórico. Descobre, na maneira como se efetua e se revela a si mesmo, uma orientação que o solicita e, no entanto, permanece enigmática para ele. É o objetivo imanente da razão. A razão teórica visa à constituição do *verdadeiro*. A razão prática visa à realização do *justo*. Esta relação entre razão teórica e razão prática se refaz à clássica relação entre a Verdade e o Bem ou o “Bem Viver”, como diria Sócrates, que compreende a estética e a virtude. Em última análise, a Universidade ajuda ou tem que ajudar a “bem viver”. A razão técnica visa à realização da *inovação*. Essas indicações, contudo, são formais. O objetivo imanente da razão continua sendo um horizonte aberto a um futuro indeterminado. No contexto de uma reflexão sobre a razão, o acontecimento da realização da razão enquanto acontecimento por vir, mas não determinável, dá sentido a todas as peripécias nas quais a razão se constrói e se descobre. Opera, na atualidade, como a vinda de um futuro não homogêneo ao presente, ao mesmo tempo visível, como força inspiradora das iniciativas efetivas, e enigmático por se anunciar apenas numa solicitação direcional, mas nunca num conteúdo já determinado.

O devir da razão teórica, pelo menos segundo o que, hoje em dia, aparece mais explicitamente, é posto em questão. As diferentes formas de razão, contudo, são inseparáveis umas das outras. A razão prática está presente no interior da razão teórica. Mesmo a pesquisa mais especulativa, por suas motivações mais profundas, se liga a um horizonte ético. A Universidade, na medida em que reúne pessoas numa obra comum, formando uma comunidade portadora de uma vocação específica, e, na medida em que, no cumprimento de suas funções, quer servir às comunidades mais amplas das quais é devedora, é também portadora do devir da razão prática. A dinâmica da razão tem uma amplitude histórica e uma diversidade de formas que ultrapassam consideravelmente as competências e os recursos próprios da Universidade. Mas ela é o lugar em que o devir da razão, ao efetuar-se, reflete-se, ele próprio, e cria os instrumentos de interpretação com os quais todo esforço de esclarecimento poderá ser proveitoso.

Por sua vez, o “adjetivo” jesuíta nos leva a nos perguntarmos de quando em vez: “conhecimento para quê?”. É inerente à Missão de uma Universidade confiada à Companhia de Jesus alertar a sociedade que as necessidades materiais do ser humano não só são dadas automaticamente pela natureza ou pelo instinto humano, mas variam com a história. Isto significa que a determinação das necessidades dos humanos, num certo mo-

mento histórico, é *cultural*, ou seja, é fruto de um contexto ou de uma interpretação histórica. A partir da conceituação de sociedade sustentável, a primazia conferida até há pouco ao econômico pelas várias escolas desenvolvimentistas teve suas limitações tornadas mais evidentes. Conseqüentemente, o desenvolvimento econômico por si só mostra-se incapaz de abranger os aspectos globais da crise pela qual a humanidade passa e cuja voz, recentemente, ressoou muito nas ruas do Brasil também.

Com efeito, o projeto civilizatório da modernidade pós-*renascentista*, construído na sua face teórica graças à racionalidade científica de matriz galileiano-cartesiana, conseguiu um desenvolvimento sem precedentes das forças produtivas dos humanos que lhes possibilitaram minorar, em certo sentido, as servidões que a natureza lhes impõe, como a fome, a miséria, a doença, etc. Este projeto conseguiu, igualmente, desenvolver a sociabilidade humana na sua relação com a natureza. A sociedade moderna se compreendeu e se organizou em função do *trabalho*, constituindo-se como grupo organizado em vista da *produção*. A colonização instrumental do mundo da vida, por parte do paradigma mecanicista que caracteriza a ciência moderna, fez com que a vida se tornasse trabalho organizado. Além disso, o projeto moderno, reduzindo o *social ao econômico*, acabou por conceber a sociabilidade humana exclusivamente como esfera da produção e da satisfação das necessidades materiais.

No ciclo conhecido como pós-modernidade, o projeto de explicação científica e de transformação técnica do mundo está instaurando uma nascente civilização tecnocientífica, que promete uma oferta infinita e diversificada de opções de trabalho, de cultura, de lazer. A ciência, mediante a técnica, oferece aos humanos da sociedade contemporânea mil opções possíveis entre mil objetos. A escolha de um ou mais dentre estes só será verdadeiramente livre se os humanos puderem encontrar as razões que justifiquem e legitimem a presença de tais objetos no horizonte do desejo e das necessidades. Nossa Missão nos ajuda a iluminar a impotência desta forma mais audaciosa, universal e eficaz das razões, a *razão tecnocientífica*, em sua pretensão em oferecer à sociedade humana razões compreensíveis e convincentes para o livre ser e o livre agir da pessoa humana. Na agenda de nossas Universidades, não pode faltar uma crítica bem argumentada ao modo pós-industrial de desenvolvimento. Para tanto, valho-me de lúcida distinção feita pelo filósofo Joseph De Finance entre *liberdade horizontal*, que é superficial e diária, sem transcendência e transformação efetiva, e *liberdade vertical*, que é possível somente quando há um ponto de vista superior, mais alto, que amplia nossos horizontes.

Que valor o traço semântico “jesuíta” agrega ao substantivo “Universidade”? Penso poder sugerir ou confirmar algumas ini-

ciativas que tornam o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico efetivamente fecundo. Em primeiro lugar, diagnosticar de modo adequado a situação cultural de nosso tempo e interpretar este diagnóstico do ponto de vista da razão que dialoga com a fé que busca a justiça do Reino, as trilhas que conduzem do diagnóstico inicial à nova cultura instaurada pela razão calculadora. As criações da razão calculadora passariam a ser assumidas em formas de vida mais adequadas à integralidade da vocação humana. Sem dúvida que cabe às Universidades jesuítas, de novo e sempre, perguntarem-se com o salmista “quem é o homem, para que nele penses, e o ser humano, para que dele te ocupes?” (Sl 8). Tiraram as consequências da dignidade da pessoa humana em tempos de forte expansão e aparente hegemonia da razão tecnocientífica. Pergunto-me se meu amigo Miyawaki não me escreveria outra carta semelhante àquela que já referi, mas desta vez sobre as Universidades e as Ciências que prometem sabedoria, porém se descuidam de dimensões importantes e profundas da vida humana.

Desenhar a significação humanista da ciência e da tecnologia na cultura contemporânea. A pesquisa básica contemporânea não se volta, fundamentalmente, para a descoberta de novos fenômenos, mas para a construção de novos seres. Ora, a tecnociência contemporânea, que se estende da microeletrônica à bioengenharia, consagra o triunfo do ideal cartesiano de matematização do universo. A razão matemática rege totalmente a estrutura profunda dos objetos que passaram a povoar o espaço familiar dos humanos. Na sociedade contemporânea, regida pela *economia política do conhecimento*, põem-se de maneira dramática os problemas levantados pela produção, distribuição e assimilação do saber, bem como os problemas levantados pela produção, circulação e distribuição de bens e satisfação das necessidades.

Significar a inteligência da fé em sua articulação com a justiça do Reino na cultura pós-cristã. O trabalho de compreensão conceitual da fé cristã se apresenta como uma tarefa de elucidação que, sem acrescentar nada àquilo que é o conteúdo constitutivo da fé, e sem esquecer nada do esforço de uma compreensão conceitual, desdobra progressivamente, sem jamais esgotar, as virtualidades inteligíveis da fé, e sugere ao espírito novas perspectivas de compreensão. No contexto contemporâneo, marcado pela desconstrução do racionalismo radical, a conceptualização filosófica vem sendo duplamente relativizada: pelo pensamento da historicidade que remete o conceito e sua pretensão de universalidade à particularidade de sua gênese e de seu destino efetivo e pelo pensamento científico que desenvolve outro tipo de racionalidade, capaz de assumir por ele mesmo suas justificações e seus fundamentos.

A consciência crítica que reflete sobre o estatuto necessariamente hermenêutico das aproximações conceituais tenta compreender esta relatividade cultural, que certa concepção a-histórica da verdade crê dever denunciar como relativismo. Ora, a verdade aflora no discurso não pela virtude de um saber saturante das adequações e reduções verbais, mas pela virtude de um esforço de construção que não exclui nem as inadequações inseparáveis da discursividade, nem a pluralidade das perspectivas, nem a necessidade de uma incessante reinterpretação do que já foi adquirido. Trata-se de imergir o anúncio de salvação e de cumprimento do reino de Deus manifestado na pessoa de Jesus Cristo na componente cognitivo-hermenêutica da cultura contemporânea.

Esclarecer a relação das formas de vida ética-metafísica-fé no contexto cultural da autonomia humana. Ética designa a dimensão da existência humana em sua responsabilidade por si e pelo outro. Esta responsabilidade se situa em relação a um dever-ser que se inscreve na estrutura da existência como distância entre seu ser dado e seu ser projetado. Como tal, não é dada sob forma de nenhuma prescrição concreta. Metafísica elucida o sentido da positividade originária que se exprime no verbo *é*. Parte dos fenômenos em direção às condições da manifestação, o julgamento de existência em que se decide a possibilidade da posição de ser do fenômeno. Fé, tomada aqui em sentido amplo, é relativa não somente à fé cristã, mas ao que se poderia chamar de fenômeno religioso em geral. O fenômeno religioso, que muitos consideram uma experiência humana desprovida de relevância na cultura moderna, continua sendo significativo para parcela expressiva de pessoas. A experiência religiosa e sua expressão têm, ainda hoje, legitimidade cultural como dimensões essenciais do ser humano e, portanto, constantes da cultura. Nesse sentido, o diálogo inter-religioso manifesta sua profunda atualidade.

Minha palavra final é de agradecimento pela generosa colaboração de todos e todas para com a Missão da Unisinos, na qual resplandece o convite de Jesus Nazareno, cerne da Missão da Companhia de Jesus: quem quiser vir comigo, deve trabalhar comigo. Nossa consigna para o tempo presente, com suas promessas e ambiguidades, é “em tudo amar e servir”.

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montañó
- N. 04 *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Kilpp
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Krischke Leitão
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Profa. Dra. Lucilda Selli
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rohden
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nísia Martins do Rosário
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – Prof. MS José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – Prof. Dr. André Gorz
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – Prof. Dr. André Sidnei Muszkopf
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Profa. Dra. Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Prof. Dr. Airton Luiz Jungblut
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho
- N. 38 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Prof. Dr. Luiz Mott
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Prof. Dr. Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – MS Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Profa. Dra. Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiu
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Prof. Dr. Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Profa. Dra. Ceres Karam Brum

- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiéu
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Prof. Dr. Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Éilda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Prof. Dr. Thomas Kesselring *Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Prof. Dr. Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – Profa. Dra. An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 56 *O decrescimento como condição de uma sociedade convivial* – Prof. Dr. Serge Latouche
- N. 57 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Prof. Dr. Günter Küppers
- N. 58 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Dra. Hazel Henderson
- N. 59 *Globalização – mas como?* – Profa. Dra. Karen Gloy
- N. 60 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – MS Cesar Sanson
- N. 61 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Profa. Dra. Regina Zilberman
- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Prof. Dr. Fernando Lang da Silveira e Prof. Dr. Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Profa. Dra. Lêa Freitas Perez
- N. 66 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Prof. Dr. Ney Lemke
- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Profa. Dra. Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Profa. Dra. Lêa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Prof. Dr. Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Prof. MS Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Profa. Dra. Ana Maria Lugaõ Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Prof. Dr. Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Prof. Dr. Octavio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Prof. Dr. Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território* – Prof. Dr. Amo Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Profa. Dra. Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Prof. Dr. Alfredo Culleton e Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Prof. Dr. Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Profa. Dra. Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Prof. Dr. Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Profa. Dra. Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Prof. Dr. Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Prof. Dr. Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Profa. Dra. Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Prof. Dr. Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Prof. Dr. Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – MS Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência* – Prof. Dr. Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – MS Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Profa. Dra. Marinês Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – MS Susana María Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Dra. Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Prof. Dr. Valerio Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – MS Adriano Premebida

- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Profa. Dra. Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Prof. Dr. Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Profa. Dra. Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Profa. Dra. Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático?* – Prof. Dr. Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Prof. Dr. Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Prof. Dr. Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul* – Prof. Dr. Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhési
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – MS Sonia Montañó
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Prof. MS Carlos Daniel Baioto
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávoro
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Rôber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói* – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins
- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greyce Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni

- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmiento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Wernick Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma Questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves



Rev. P. Adolfo Nicolás, S.J., é o Superior Geral da Companhia de Jesus. Nasceu em 1936 na Espanha, tendo entrado na Ordem dos Jesuítas em 1953. Após os estudos de Filosofia (Madri) e Teologia (Tóquio), foi ordenado sacerdote em 1967 em Tóquio. Obteve o Doutorado em Teologia em 1971 na Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). De regresso ao Japão, foi professor de Teologia Sistemática na Universidade Sophia de Tóquio até 1978. Nesse mesmo ano, seguiu para as Filipinas, retornando ao Japão em 1984. Entre 1993 e 1999 foi Superior da província jesuíta japonesa. Desempenhou ainda funções de moderador da Conferência Jesuíta da Ásia Leste e da Oceania, desde 2004. Em 2008, foi eleito Prepósito-Geral pela 35ª Congregação Geral da Companhia de Jesus.